

## OS OLHARES AO “OUTRO”<sup>1</sup>: REPRESENTAÇÕES QUINHENTISTAS DA ESCRITORA LIONESA LOUIZE LABÉ

LUIANE SOARES MOTTA<sup>1</sup>;  
ANA INEZ KLEIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – lulasmotta@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - anaiklein@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O estudo realizado buscou trazer algumas das leituras feitas sobre a autora quinhentista Louïze Labé, no que pesou terem de ser, essas representações, contemporâneas a ela, dado que é um dos pontos necessários para estabelecermos os contornos de seu diálogo com o mundo, que é o principal foco da pesquisa. Algo, daquelas elaborações, é reflexo das possibilidades e interdições que se entrecruzam na vivência da escritora, que corroboram na construção de si – do agente – e, por consequência, do que ela produz. Ajuda-nos, igualmente, a compreender o que foi essa tomada de posição – enquanto escritora mesmo - e as relações daí decorrentes.

Labé, hoje, chega-nos enquanto renascentista, porque há algo que ela disse sobre si mesma e que se preservou. Mas, também, reafirma-se essa existência, porque há quem dela diga<sup>2</sup>.

A autora quinhentista foi uma poetisa e prosadora, que nasceu na década de 1520 e viveu, durante toda sua vida (que termina-se em 1569), na cidade francesa de Lyon. Cidade cosmopolita, que se mostrava mais tolerante ao adentramento das mulheres às letras e por, diversos fatores que se mesclaram, eram, elas, quistas, ou suportadas. Podemos dizer que esse posicionamento quanto às mulheres apareceu-nos pelas representações realizadas por contemporâneos de Labé, quanto a esta, e da própria, inclusive.

As fontes são das mais variadas, desde poesias em homenagem à escritora, até comentários cruzados que visam atingir outrem. Apesar da diversidade do formato, no entanto, tais leituras tratam, como diz-nos Chartier (1990):

[...] à revelia dos atores sociais, traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (p.19)

Conforme tal autor, o discurso dessas fontes permite-nos perceber as disposições em que se gostaria de regular, manter ou deter seus indivíduos em nichos, no caso, aqui, as mulheres - lionesas, escritoras, renascentistas, se se desejar. Dessa forma, traremos a percepção do lugar atribuído à escritora Louïze Labé, na expectativa de termos a dimensão da ordem estipulada pelo discurso dominante e as representações que transgridem-na e, invertendo-a, corroborando para modificações.

<sup>1</sup> O "homem nunca está só e não seria o que é sem sua dimensão social" (TODOROV, p. 360). No entanto, geralmente, houve processos históricos de obliteração do outro (em relação ao Eu, a nação, ao mesmo – homem, beligerante). No caso das mulheres, a estranheza opera dentro da própria sociedade obliterante, o que causa diferenças no processo, mas não deixa de censurá-lo, de proibi-lo, de coisifica-lo.

<sup>2</sup> Algumas considerações recentes da crítica literária Mireille Huchon chegou a propor uma falsificação autoral em nome de Labé e mesmo a sugerir a inexistência desta. Entretanto, pelos diálogos e referências documentais diversas isso se mostra equivocado, além de possuir consequências que tocam à ética, dado os questionamentos que se realizam quanto a capacidade autoral sempre que há um destaque de determinado tempo a uma figura feminina .

## 2. METODOLOGIA

Ao encararmos nossas fontes como representações, estamos também em acordo com Chartier quando trata-as como conceito que contém à ideia da disputa ocorrida para ordenar, para impor-se. Nunca, portanto, são totalmente despropositadas (por mais que se variem os enquadramentos de tais realizações). Dessa forma, recai nossa atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações atribuídas a personagem Louize Labé, e , ao que parece, serviram também para localizar outras mulheres que a mesma atividade se dedicavam. Isso se dá a ver por um dos retratos pintados pelo famoso reformador Jean Calvino:

Dá a seus convidados para saborearem tal tipo de diversão, enquanto mulheres em trajes masculinos, trazem-no à mesa [o pão que é corpo]. Esse jogo mostrou frequentemente com o que a plebeia prostituta ganhou um encanto especial, e por parte do ofício do marido a chamam de Bela Cordoeira.<sup>3</sup>

Na acusação de Calvino, dirigida a um clérigo local da Igreja Católica – Gabriel Saconnay - podemos inferir sobre dois itens: primeiro que existem mais mulheres que se identificam com a mesma postura labetana; segundo, que essas ações são consideradas impudicas. Contudo, o que nos propomos a trazer desse discurso é também parte da carga delimitadora das posições. Devemos , portanto, arguir sobre a imputação da palavra prostituta quanto ao hábito de "transsubstanciar-se" em homem - que coincide com o dogma pelo qual Calvino também se opõe a Igreja e, mais especificamente, o fato de Saconnay ser católico. Ou poderia ser, essa acusação, pelas "diversões" em que os personagens realizam em seus banquetes– que podem mesmo ir desde o gozo carnal até a declamação de poemas e músicas, estas como atividades feitas nas reuniões da época. Supor que aquelas palavras possuem uma relação direta, que essa representação não está imersas em valores, é um esvaziamento do tempo e da cultura daquele momento, perante seus próprios conflitos.

As representações selecionadas, dessa forma, não definiram tanto o objeto a que se dedicavam, mas disseram-nos sobre os seus grupos. Ao se difundirem, implicaram em reproduções e/ou produções que carregam algo das disposições e enfrentamentos que possibilitam novos abalos.

Chartier aponta-nos o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos, em termos de posições sociais mais nítidas. Esse apontamento não é necessariamente incompatível com a compreensão de que há núcleo de poderes e os que se aproximam deles possuem maior peso nos embates e imposições<sup>4</sup>, sempre levando em conta que houve práticas que visaram fazer reconhecer uma maneira própria de estar no mundo, e que significaram simbolicamente um estatuto e uma posição (CHARTIER;1990).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecemos o período no qual a autora se constitui, como sendo um momento de grande difusão de novos valores, principalmente, ligados às letras e às artes. Mas e no que diz respeito ao lugar do feminino? O período foi transpassado

<sup>3</sup> Optei por colocar, a partir daqui, apenas a tradução – de própria autoria (T.A.) - por conta do espaço, entretanto, consta a fonte para averiguação. Fonte: M. Bregnot. Notice sur Labé. Par Perrin *et al.* **Evvres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 41.

<sup>4</sup> Chartier(1990) aborda essa percepção também, da seguinte forma: as especificidades do espaço próprio das práticas culturais, que "não é de forma nenhuma passível de ser sobreposto ao espaço das hierarquias e divisões sociais".

por diversos fenômenos e acidentes, e isso, no caso de Lyon, cidade francesa, oportunizou janelas.

Nos textos analisados, se houve contemporâneos que apreciassem-na como *mulher que escrevia*, citada em outros livros e poemas por alguns por sua beleza, por sua “castidade”<sup>5</sup> e ousadia<sup>6</sup>, contudo, é também apresentada com outras referências.

Calvino, como já relatamos, é um dos primeiros a acusá-la de imoralidade, usando o termo *meretrix*, que não sabemos se é um xingamento que se dirige ao fato de travestir-se de homem, o que é uma perversão aos costumes da época, ou se a uma determinada conduta sexual. Além dele, temos o testemunho de Claude de Rubys, que publica sobre os privilégios de Lyon. Produzem-se associações negativas, que referem-se às relações sociais que possuía<sup>7</sup>, as reuniões que dava, ao combate do qual participou e ao hábito de montar a cavalo<sup>8</sup>. Mas principalmente, o discurso de um corpo profanado é o principal mote que orienta as agressões, seja por qual motivo for que ele parte. Sua intelectualidade é então, a partir nesses discursos ridicularizada, mas não seria exatamente a causa de tal denegrimto?

#### 4. CONCLUSÕES

O caso de Labé, apresentou duas relações aparentemente contraditórias, mas demonstrativas de sua conjuntura: a sua educação existiu e foi extensa, porém, mesmo conectada a condições socioeconômicas favoráveis, isso não significou aceitação e facilidade. As falas diversas, refletem que, embora quando elogiosas, imputam sempre a figura do corpo “aprazível”. Quando, então, negativas buscam apontar condutas reprováveis, acusando-a desde travestir-se de homem, possuir amantes, até ter produzido uma obra pobre. Assim, se as falas incomuns (e que podemos conjecturar se não são elas porta-vozes de um grupo ainda mais amplo), não são necessariamente acompanhadas pelos valores introjetados na sociedade a elas contemporâneas e nem sempre implicam que o pensamento dominante na maioria das esferas se altere. Assim, aqueles lugares postulados ao “Outro”, nem sempre obedecidos, decorrem de falas que visam esquecer ou marginalizar (ainda mais) e, portanto, não bastam, por si só, para pensar as *Outras histórias*.

<sup>5</sup> Optei por colocar, a partir daqui, apenas a tradução por não haver espaço, entretanto, consta a fonte para averiguação. Fonte: Guillaume Paradin de Cuyseaulx. **Memoires de l'histoire de Lyon**. 1573 p.355-356. (T.A.: Seu rosto era mais angelical que humano, mas não era nada em comparação a sua mente, tão casta, tão virtuosa, quanto poética, tão rara em saber.)

<sup>6</sup> Ver fonte: Jacques Peletier du Mans. **L'Art Poétique**. 1555.p.108-109. T. A.: “[...] A beleza [é] o menor que está nela, / Porque o saber que nela há / E o falar que suavemente destila, / Se vivamente animado por um doce estilo / São muito mais que isso / Sobre o que, meus versos que louvam esta *Louïse* / Marca, *minha pena*, à *louva-la submissa* / Pois ela possui o *mérito*, / Malgrado o tempo fugidio, de ser conduzida / sobre o mais alto voo à fama alçado / à imortalidade” [grifos meus].

<sup>7</sup> Fonte: Claude de Rubys. **Privileges des Habitans de Lyon**. Antoine Gryphius, 1573 p. 27. (T.A.: Entre esses mártires estiveram a virtuosa senhora Blandine que Paradin deveria oferecer às nossas senhoras Lyon como espelho e modelo de virtude e castidade e não aquela impudica Loyse l'Abbé, que todos sabem ter feito profissão pública de cortesã até sua morte).

<sup>8</sup> Barthélémy Honorât. La bibliothèque d'Antoine DuVerdier. 1585, Lyon. Fonte: Gonon, Pierre-Marie. **Documents historiques sur la vie et les moeurs de Louise Labé**, 1844.p. 18-19. (T.A.: Loyse LABE cortesã lionesa ( por vezes, referida como a Bela Cordoeira por ser casada com um bom homem cordoeiro.) corria muito bem em um cavalo, devido ao que os cavalheiros que conheciam-na apelidaram de Capitaine Loys, mulher, contudo, de boa e alegre mente e de medíocre beleza: recebeu graciosamente em sua casa senhores, cavalheiros e outras pessoas de mérito com entretenimento de declamações e oratória, música tanto à voz quanto aos instrumentos. [...] fez parte de seu corpo aos que competiam: não, no entanto, a todos, e não a pessoas da arte mecânica [oposto a artes liberais] e de vil condição com algum dinheiro que queria dar a ela [...] fazendo de maior cortesia a um [homens sábios] que a outro por grande número de moeda: que é contra o costume das pessoas de seu negócio e qualidade. Não é por ser cortesã que dou seu lugar nesta Biblioteca, mas unicamente por ter escrito em prosa francesa[...]).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. RJ: Editora Bertrand, 1990.
- \_\_\_\_\_. Textos, Impressões, Leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. SP: Martins Fontes, 2001; 2ªed.
- DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991.
- DUBY, Georges. Depoimentos, Testemunhos, confissões. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Trad. Ana L. Ramalho, Egito Gonçalves, Francisco G. Barba, José S. Ribeiro, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Vol. 2. Edições Afrontamento: Porto, 1990.
- FOUCAULT, Michel. Stultifera Navis. In: **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. Ed. Perspectivas: São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. **L'Ordre du Discours**. Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Traduzido por Edmundo Cordeiro e António Bento. Éditions Gallimard, Paris, 1971.
- KING, Margaret L. **Mujeres Renascentistas. La búsqueda de um espacio**. Ed. Alianza Editorial, Madrid, 1993.
- MACEDO, José R. A luva e o bastão: considerações a propósito da ideia de traição na Chanson de Roland. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 25, p. 89-110, 1999.
- PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle Régnier-Bohler. Exploração de uma Literatura. In: DUBY, Georges (org.). **História da vida privada, 2 : da Europa feudal à Renascença**. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.
- SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Ed. EDUSC: São Paulo, 2003.
- SANTOS, Adelina P. & TOSI, Lucía. Resgatando Métis. O que foi feito desse saber? **Revista Estudo Feministas**. Rio de Janeiro, V. 4, n. 2, p. 355-381, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.